

ORDO URBIUM NOBILIUM

Renan Frighetto *

AUSONIO, D. M. *Ordo Urbium Nobilium* – a cura di Lucia Di Salvo. Napoli: Loffredo, 2000. 341 p.

O século IV d.C. se apresenta como um dos períodos mais importantes da História do mundo romano. Inserido naquele recorte cronológico definido tanto por Straub como por H.I.Marrou, P.Brown, A.H.M.Jones, S.Pricoco ou J.Fontaine como Antigüidade Tardia, este período histórico nos apresenta uma nova configuração do governo imperial romano, em que o *princeps* assume a condição de *dominus*. De fato, desde o advento de Diocleciano (284-305) estabelece-se o *dominato* como forma de governo imperial, em que o *imperator* concentra a sua volta excepcionais poderes políticos e religiosos, em substituição daquele principado que perdera sua face com a desapareição de Marco Aurélio (180) e que será mantido numa forma artificial até a morte de Alexandre Severo (235). O período denominado como “Anarquia militar” (235-284) sepulta de vez a velha *traditio* segundo a qual o *princeps* exercia um poder de cunho monárquico apoiado nas antigas instituições e magistraturas da *res publica* romana. E também sofrem um severo revés, no que tange a sua importância, aquelas que deram razão à existência daquelas magistraturas e instituições republicanas: referimo-nos às *ciuitates*, elemento central de toda a vida política, social, econômica, cultural e religiosa da época clássico-helenística greco-romana. Contudo devemos realçar que a *ciuitas* perde a sua importância mas não desaparece, mantendo-se viva ao longo de toda a Antigüidade Tardia e Idade Média.

Para comprovar isso, temos o interessantíssimo e pouco conhecido opúsculo escrito pelo *rhetor* burdigalense Décimo Magno Ausônio (310-395) intitulado *Ordo Urbium Nobilium*, que mereceu um excelente estudo

* Doutor em História Antiga pela Universidad de Salamanca; Professor Adjunto III do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

crítico da professora Lucia Di Salvo, pesquisadora de Língua e Literatura Latina da Università di Genova. Podemos dividi-lo em três partes bem definidas: na primeira a autora nos apresenta uma ampla introdução revelando o gênero literário desta obra ausoniana, informações sobre o autor e a cronologia contida no opúsculo e toda a tradição manuscrita dela originada; num segundo momento a autora nos oferece uma curada edição bilíngüe do *Ordo Urbium Nobilium*, em latim e italiano; e na terceira parte realiza um vasto comentário, no qual encontramos as notas críticas da transcrição e tradução apresentadas.

A importância deste trabalho de análise e interpretação hermêutica deve-se, sobretudo, ao seu autor. De fato, Décimo Magno Ausônio pode ser considerado como um dos últimos expoentes da cultura clássica pagã greco-romana neste período de transição que foi a Antigüidade Tardia. Vinculado a uma família da aristocracia senatorial aquitano-romana, Ausônio consegue manter viva a chama da cultura clássica de raiz pagã numa época em que o Cristianismo já está consolidado como suporte ideológico do poder imperial (desde a promulgação do Édito de Tessalônica por Teodósio em 380). Sua nostalgia com respeito ao passado glorioso do Império Romano está diretamente associada a todos os autores utilizados no *Ordo Urbium Nobilium* e conhecidos de Ausônio desde a sua condição de *rhetor* de *Burdigala* (atual Bordeaux): sofre uma influência direta dos retóricos gregos, como Menandro e Elio Aristide, bem como reminiscências de Ésquilo, Teócrito, Accio e Lucrécio. Imita de forma constante a Horácio, Virgílio e Ovídio no âmbito da poesia, enquanto na prosa greco-latina se fundamenta em Heródoto e Tucídides. Há também, segundo Lucia, uma reminiscência do pensamento pré-socrático através de Hipócrates quando Ausônio, no *Ordo Urbium Nobilium*, faz citações sobre o ar, a água e os lugares como elementos influenciadores da vida humana. Neste caso o homem, bem como todas as obras por ele realizadas, estaria submetido a dependência da própria natureza. A partir desta vasta formação educativa e cultural podemos dizer que Ausônio seria o produto típico – *uir perfectus* – da tradição cultural clássica reservado aos elementos provenientes dos grupos da aristocracia senatorial romana provincial. Nota-se, com isso, a manutenção em Ausônio duma “longa duração” em termos culturais que tem como motivação essencial realçar a grandeza do Império Romano num

momento em que o mesmo já apresenta seus primeiros sinais de instabilidade política e social.

Segundo Lucia, a importância deste opúsculo ausoniano está relacionada a questões de cunho cultural, político e social que envolvem exatamente a principal instituição da época clássica greco-romana, a *ciuitas*. Neste opúsculo, Ausônio reúne aquelas que seriam, na sua concepção, as mais importantes *urbes* do Império Romano, tanto a oriental como a ocidental. Ao agrupar uma série de cidades nesta obra, Ausônio nos oferece um destaque das mesmas como verdadeiras mantenedoras da *traditio* cultural clássica, sustentáculo essencial da grandeza do mundo imperial romano e a razão do seu poder (*logós basilikós*). Logo, uma das funções fundamentais do *Ordo Urbium Nobilium* seria a de realizar uma propaganda política convincente acerca do Império Romano, sendo essencial para tanto falar de prosperidade, segurança e riqueza gerada pelas cidades.

Mas é interessante verificarmos que Ausônio dá um elevado valor tanto às *ciuitates* da Gália, especialmente a sua *Burdigala* natal, como às *ciuitates* ibéricas, provavelmente a raiz da vitória de Teodósio, hispano de origem, sobre o usurpador Magno Máximo, conterrâneo de Teodósio, no ano de 388. Também é importante o destaque oferecido à Aquiléia, *ciuitas* onde Teodósio venceu e eliminou Máximo. Portanto, tais indícios nos apontam, provavelmente, que esta obra tenha sido iniciada antes de 388, mas os acontecimentos levaram Ausônio a ampliá-la para um tom panegirístico, de verdadeira *laude* ao *imperator nouum*, com a inserção das *ciuitates* hispanas e Aquiléia. Podemos observar, inclusive, uma provável influência desta postura panegirística ausoniana, encontrada no *Ordo Urbium Nobilium*, sobre o Panegírico escrito por Pacato em honra de Teodósio no ano de 389.

Fora toda a conotação de valorização de sua região, que espelha uma direta conexão de Ausônio com Virgílio, Horácio e Ovídio – autores que invocam a importância de suas respectivas terras de origem como responsáveis por seu sucesso –, bem como da *prouincia* da qual o imperador vitorioso era oriundo, devemos observar, segundo o olhar crítico da pesquisadora da Università di Genova, que Ausônio está sugerindo uma primazia das *prouincias* e das *ciuitates* nelas existentes sobre o antigo centro do poder político imperial romano, baseado sobre o eixo Roma-Constantinopla. Se observarmos atentamente a estrutura do próprio *Ordo Urbium Nobilium*, Roma e Constantinopla ocupam os primeiros lugares. Mas *Burdigala*, ape-

sar de estar em último lugar, aparece equiparada às duas primeiras. Este é um sintoma observado na Antigüidade Tardia: o fortalecimento cultural e político nos níveis regional e local em detrimento do antigo centro do poder. Aspecto este que nos revela uma tendente fragmentação política visível ao longo do século IV, principalmente na *Pars Occidentalis* do mundo imperial romano.

Além disso devemos verificar outro interessante aspecto contido no *Ordo Urbium Nobilium*: o da associação ausoniana das *ciuitates* à idéia de *ciuitas* greco-romana num momento em que a presença dos germanos já era forte dentro das próprias fronteiras imperiais. Assim, a *ciuitas* e todos os elementos nela contidos, materiais, institucionais e espirituais, seriam um autêntico baluarte da civilização greco-romana contra as invectivas dos bárbaros, incivilizados e rústicos por natureza. Este olhar negativo de Ausônio contra os germanos pode estar vinculado, segundo a interpretação de Lucia, à influência dos escritos de Ammiano Marcelino, crítico severo dos bárbaros, sobre o pensamento ausoniano.

Enfim, o *Ordo Urbium Nobilium* aparece como um opúsculo que prega a apologia das cidades nele contidas, quase todas próximas de rios, que, na opinião de Lucia, aumentam a beleza da *ciuitas* e a nobilitam. Porém em alguns casos, como os de Roma, Constantinopla, Cartago, Cápua e Atenas, Ausônio oferece um amplo destaque ao passado destas *ciuitates*, não valorizando o seu presente. Em tom de dúvida, Lucia sugere que Ausônio seria anacrônico em sua abordagem, tentando com isso confrontá-las com as cidades “elevadas” pelo Cristianismo, como nos casos de Éfeso, Tessalônica, Filipos e Jerusalém. Podemos dizer que o embate retórico entre cristãos e pagãos se encontra presente nesta obra ausoniana, colocando mais dúvidas que certezas sobre a conversão de Ausônio ao Cristianismo. Seja qual for a sua crença religiosa, o fato é que o *Ordo Urbium Nobilium* de Ausônio apresenta-se como uma obra fruto das inquietações e dúvidas de um período de transição. A nostalgia ausoniana da grandeza do Império Romano de outros tempos, fundamentada nas *ciuitates* que institucionalmente sustentavam-no, aparece como premonição daqueles momentos difíceis que seriam vivenciados pelo Império em seus territórios ocidentais durante o século V e que culminariam com a sua desestruturação política.